

## SUCESSÃO REITORIA

### DEFINIÇÃO DO CALENDÁRIO ELEITORAL DEVE ACONTECER NESTA SEMANA

O reitor Dirceu de Mello informou ao *PUCviva* que a definição das datas para o processo sucessório da reitoria deve acontecer ainda esta semana. A equipe do professor Dirceu estuda as possibilidades de composição de datas para cada fase do processo. Costumeiramente o calendário e os nomes da Comissão Eleitoral são aprovados no Ceccom (Conselho de Cultura e Relações Comunitárias) e posteriormente no Consun (Conselho Universitário).

A comunidade ficou surpresa com a revelação do representante da Fundação São Paulo no Consun, professor Vidal Serrano, quando ele anunciou o conteúdo da carta do cardeal Odilo Scherer endereçada ao reitor,

dando conta do início do processo sucessório. Para o reitor é um dado preocupante que um conselheiro tenha conhecimento de uma correspondência privada. Porém o que preocupou também boa parte da comunidade é a intromissão da Igreja nas decisões da universidade, marcando o encerramento do processo eleitoral para o dia 15/8, sem que seja discutida a conveniência das datas.

O reitor informou ao *PUCviva* que acredita ser possível uma adequação às datas sugeridas pelo cardeal com o calendário da universidade. Até o momento o próprio reitor e a professora Anna Maria Marques Cintra já manifestaram o desejo de concorrerem ao cargo.



MARINA D'AGUINO

Na Praça da Sé a manifestação da Intersindical

## 1º DE MAIO

### DIVISÃO ENTRE CENTRAIS MARCA MANIFESTAÇÕES EM SÃO PAULO

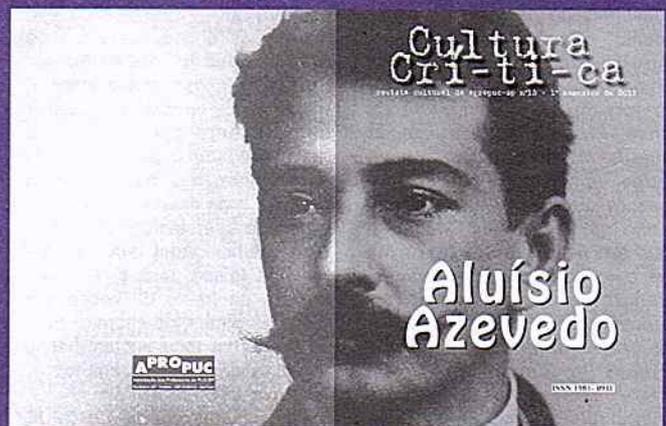
As comemorações do Dia Mundial do Trabalhador em São Paulo este ano foram descentralizadas. Além do tradicional ato na Praça da Sé, que reuniu cerca de 1000 pessoas entre militantes da Intersindical, Unidos para Lutar, Tribunal Popular, entre outras entidades, ocorreram cerca de outros quatro atos na cidade. A Central Única dos Trabalha-

dores realizou atos no Anhangabaú, além de outros dois na Zona Sul e no ABC - é o quarto ano que a CUT decide descentralizar o ato do 1º de Maio; já a CSP-Conlutas saiu em ato próprio com cerca de 2 mil pessoas na Avenida Paulista, encerrando o 1º congresso da entidade, que ocorreu entre 27 e 30/4. Veja cobertura completa na página 7.

## LANÇAMENTO

### OBRA DE ALUÍSIO AZEVEDO É TEMA DA REVISTA CULTURA CRÍTICA Nº13

Página 3



## EDITORIAL

# 1º de Maio: superar o divisionismo

Em um momento grave da economia, as centrais sindicais mantiveram o 1º de Maio distracionista e dividido. As festividades da CUT, Força Sindical, CTB, Nova Central e CGTB não tiveram nada com a vida dos trabalhadores, com suas necessidades e com suas dores. As massas foram arregimentadas pela fantasia de ver ao vivo um Bruno e Marroni, um Edson & Hudson, patrocinado fartamente com o dinheiro arrecadado do imposto sindical. Não faltaram os famosos sorteios da Força Sindical! Mal sabem os operários que pagam caro para enriquecer ainda mais os artistas oficializados pela mídia. Está aí por que é urgente acabar com o imposto sindical e toda taxa que não seja a contribuição espontânea.

No entanto, há motivos de sobra para um 1º de Maio erguido sobre a base das reivindicações dos assalariados contra a exploração, a pobreza e a fome. E há motivos suficientes para um 1º de Maio voltado para as consequências mais graves da crise econômica que estão por vir. Caso as centrais tivessem sido movidas pelas condições de existência da maioria oprimida, teriam se unido em uma frente única por um 1º de Maio classista e combativo.

As direções burocráticas e apelegadas aproveitam que o movimento sindical está bem encabrestado para amolecer ainda mais os nervos dos explorados com as musiquinhas, os presentinhos e os embolorados discursos de palanque todo enfeitado. Postaram-se, lá no alto, figuras proeminentes do sindicalismo, que usaram o 1º de Maio como tribuna para aprovar a política econômica do governo Dilma Rousseff. Deram vivas ao Plano Brasil Maior como se fosse uma garantia de emprego, salário e estabilidade trabalhista. Esconderam que a "desoneração da folha de pagamento" golpeará a Previdência. Aplaudiram a queda dos juros como se os banqueiros finalmente fossem arcar com parte da crise. Fizeram apenas "boi da cara feia" para o anúncio de um golpe sobre a poupança dos pequenos que guardam um dinheirinho na caderneta. Ocultaram que a dívida interna é uma mina de ouro para os especuladores. Vangloriaram-se de estarem defendendo a indústria nacional e os empregos juntamente com a Fiep/CNI, quando não fazem senão proteger os lucros das multinacionais com subsídios

estatais. E, como não poderia deixar de ser, o palanque do 1º de Maio montado com rios de dinheiro pela burocracia sindical serviu aos partidos burgueses que disputam as eleições municipais. Assim, o 1º de Maio serviu à política burguesa e não à proletária.

Para agravar o quadro, a Central Sindical e Popular - Conlutas (CSP-C) e Intersindical não se entenderam e mataram o 1º de Maio unificado, que se pretendia distinto das comemorações festeiras e governistas. Justamente quando é preciso organizar uma frente de resistência operária e classista contra a submissão das centrais ao Estado e aos governos, a Conlutas decide fazer sua passeata isolada e abandonar a Praça da Sé, tradicional palco de manifestações dos explorados. O divisionismo pequeno-burguês se tornou um problema e um obstáculo para enfrentar o processo de burocratização e estatização dos sindicatos no Brasil.

Os sindicalistas e as correntes políticas, sejam da burocracia pró-capitalista, sejam da esquerda pequeno-burguesa, são indignos perante a história do 1º de Maio. Não conservam o significado original e o seu valor para o movimento operário. Transformaram a greve geral de 1886 pela jornada de 8 horas nos Estados Unidos e a pena de morte decretada pela justiça burguesa a cinco operários que a dirigiram, além da prisão de inúmeros outros, em uma historinha que se repete todo o ano nos jornais sindicais e panfletos. Os sindicalistas que fazem do 1º de Maio uma festa distracionista e alienante, que dividem o movimento operário e que se afastam da tarefa de elevar a consciência de classe dos explorados traem a memória dos mártires que foram executados pela causa geral do proletariado.

Eis as últimas palavras do grande líder de 1886, August Spies: "Se com o nosso enforcement vocês pensam em destruir o movimento operário - este movimento do qual milhões de seres humilhados, que sofrem na pobreza e na miséria, esperam a redenção - se esta é sua opinião, enforque-nos. Aqui terão apagado uma faísca, mas lá e acolá, atrás e na frente de vocês, em todas as partes, as chamas crescerão. É um fogo subterrâneo e vocês não podem apagá-lo".

Viva o 1º de Maio!

Diretoria da APROPUC



MARINA D'AQUINO

Na sala 117A, Eduardo Coutinho debate o seu último trabalho "Um dia na vida"

## Documentarista Eduardo Coutinho fala sobre seu novo filme na PUC-SP

Na sexta-feira, dia 27/4, o cineasta Eduardo Coutinho esteve na PUC-SP para exibição de seu filme "Um dia na vida", que traz gravações feitas ao longo de 24h na programação aberta da televisão brasileira. O documentário não tem autorização para ser veiculado abertamente nos cinemas ou televisão por mostrar trechos de diversos programas e comerciais que exigiriam licença de seus responsáveis para serem exibidos durante o filme.

O novo documentário traz cenas desde os programas evangélicos que tomaram conta da programação aberta até cenas de novelas, comerciais e reportagens sobre os mais variados temas, revelando o caráter vá-

zio da televisão brasileira. "É quase uma sessão de tortura, porque desta vez não temos a liberdade de mudar de canal", disse Coutinho.

Coutinho tem viajado pelo Brasil exibindo seu filme em universidades em sessões extremamente disputadas. "Acho que mais de mil pessoas já viram o filme", declarou o diretor, que depois da exibição da película respondeu a perguntas dos presentes.

Além das perguntas sobre a produção de "Um dia na vida", também foram respondidos questionamentos sobre alguns de seus filmes mais importantes, como "Edifício Master" (2002), "Peões" (2004) e "As canções" (2011).

**PUCviva** Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

**APROPUC:** Rua Barfira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

**AFAPUC:** Rua João Ramalho 182, 7º andar - Fone: 3670-3391.

**PUCviva:** 3670-3391 - **Correio Eletrônico:** [pucviva.jornal@uol.com.br](mailto:pucviva.jornal@uol.com.br) - **PUCviva na Internet:** [www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br)

**Editor:** Valdir Mengardo

**Reportagem:** Roberto Oliveira, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

**Fotografia:** Marina D'Aquino

**Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

**Conselho Editorial:** Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victoria C. Weischoardt

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

# Revista Cultura Crítica nº 13

## debate Aluísio Azevedo

No dia 17/5, quinta-feira, das 19h às 23h, na sala 239 acontece o lançamento da Revista *Cultura Crítica* nº 13, inteiramente dedicada à obra do escritor Aluísio Azevedo. A escolha do tema acontece às vésperas do centenário de morte do escritor, que ocorrerá em 21/1/ 2013.

Nascido em 14/4/1857 em São Luís do Maranhão, Aluísio foi considerado como precursor do naturalismo no Brasil. Para o professor Erson Martins, um dos coordenadores da revista, "a partir de *O Mulato*, de 1881, Aluísio provocou uma ruptura com a prosa romântica e prenunciou uma das vertentes da prosa realista".

### OPRESSÃO SÓCIO-RACIAL

"O fato é que a historiografia literária acabou por reconhecer Aluísio Azevedo como o mais importante escritor naturalista. Ocorre que *O Mulato* se distingue dos demais romances da época não só por assumir a temática do drama escravista, da promiscuidade clerical e da opressão sócio-racial como também por projetá-la através da observação dos acontecimentos e da forma realista de representar o momento de desintegração histórica da velha sociedade monárquica-escravista", diz Erson.

Porém o reconhecimento de Aluísio pela crítica não foi tão pacífico e sua obra não teve as mesmas glórias dedicadas, por exemplo, ao trabalho de



Machado de Assis: "O absurdo da crítica está em não reconhecer as raízes sociais da obra de Aluísio e as particularidades de sua estética realista. Se há um escritor desse período profundamente engendrado pelas forças da história é Aluísio Azevedo".

### DESINTEGRAÇÃO DO ESCRAVISMO

"Em seus trabalhos fundamentais se encontram a desintegração do escravismo, o nascimento da indústria, a constituição das novas classes, os centros urbanos, as manifestações de novas formas de opressão e, assim, os novos dramas sociais. Nota-se que a obra de Machado de Assis não abriga tal complexidade", completa o professor.

*"A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.*

*Os policiais, vendo que ela se não despa-chava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto, e antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado.*

*E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.*

*João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.*

*Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha de casaca, trazer-lhe respeitosa-mente o diploma de sócio benemérito. Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas".*

Trecho final da obra *O Cortiço* de Aluísio Azevedo

A revista *Cultura Crítica* contará com uma grande variedade de abordagens da obra de Aluísio, como a da professora Patrícia Correa, doutoranda em Ciências Sociais na Uerj, que aborda o Romancista como Profissão; já Eduino José Orione, professor de Literatura Portuguesa na USP vê os traços do romantismo na obra de Aluísio; a obra *Casa de Pensão* é analisada por Marizete Grando Garcia, doutora em Literatura Portuguesa pela USP; o professor da PUC-SP João Hilton Sayeg-Siqueira revê os contrastes e conflitos de *O Mulato*; as vertentes estéticas da obra *Demônios* passam pelo crivo de Maria Cristina Bata-

lha, da Uerj; os recursos estilísticos de Aluísio estão na análise de Afranio da Silva Garcia; as transformações na arte e na psiquiatria refletidas na obra do autor são pontuadas pelo professor da Unifesp André Luiz Barros da Silva; as crônicas jornalísticas de Aluísio ganham destaque no texto de Luciana Uhren, mestrande de Literatura na PUC-SP; e finalmente as pós graduandas Natalia Raposo, Valéria Romano Uchoa, Bruna Sampaio de Carvalho e Guida Mendonça discutem a imprensa maranhense da época de Aluísio.

A revista *Cultura Crítica* nº 13 será enviada aos associados da APRO-PUC a partir da próxima semana.

## FALA COMUNIDADE

# Quiz Cósmico

*Jorge Claudio Ribeiro*

Adoro a expressão "ser-de-relações" que, com sabor existencialista e freireano, traduz uma característica fundamental do ser humano. Para explicá-la, proponho em minhas aulas um quiz, palavrinha que significa "enigma", "teste", mas que em inglês fica mais legal, sobretudo porque aparece muito nas redes sociais. Agora também convindo você a responder a que coisas se referem essas cifras bilionárias. O que é, o que é?

- 125 bilhões de...
- 300 bilhões de...
- 14 mil...
- 13,7 bilhões...
- 4,5 bilhões...
- 3,8 bilhões...
- 65 milhões...
- 3,2 milhões...
- 500 mil...
- 250 mil...
- 60 trilhões...
- 7 bilhões...
- 4 mil...

nu (nos dois hemisférios, especialmente no céu do deserto do Atacama, no Chile). O imenso fosso entre essas catorze mil estrelas "empíricas" e as 125 bilhões x 300 bilhões de estrelas "descobertas" foi superado pelos produtos do cérebro humano - teorias, telescópios, naves espaciais.

Em nível temporal, há cerca de 13,7 bilhões de anos ocorreu o ponto zero a partir de um átomo - ou, se preferir, um "ovo cósmico" - em que todo nosso universo se concentrava, quietinho. Naquele momento, ele acordou, se espreguiçou e Big Bang!

Sabe-se que esse universo é regido em todos os cantos por algumas forças, especialmente uma que tanto atrai voluptuosamente quanto repele educadamente. "Matéria atrai matéria na razão direta de suas massas e na razão inversa do quadrado de suas distâncias" - eis um mantra cósmico, rezado em silêncio por maçãs e por galáxias.

Bem depois da explosão primordial, uma estrela supernova explodiu e, de seus detritos formou-se, 4,5 bilhões de anos atrás, nosso sistema solar, inclusive a Terra. Inicialmente, ela era feita de lava incandescente e passou a ser bombardeada por meteoritos e por cometas. Os cometas são feitos de água que agora cobre 2/3 da superfície de nosso planeta, líquido que bebemos e que corresponde a 80% de nossa massa corporal. Por isso é que se diz que somos feitos de poeira de estrelas e água de cometas.

Há 3,8 bilhões de anos

forjou-se a vida, a começar por organismos unicelulares que aos poucos encontraram companheiros e se articularam em unidades cada vez mais complexas. A vida evoluiu e aos poucos produziu os dinossauros, que reinaram durante 135 milhões de anos. Mas, há 65 milhões de anos, aconteceu um troço qualquer (talvez o choque de um asteroide) que resultou na extinção desses répteis gigantes. O cetro passou para bichos menores e menos necessitados de energia, como os mamíferos, ramo de que você faz parte.

Bom, o tempo voou e há 3,2 milhões de anos viveu uma australopiteca gracinha, nossa humanoide ancestral, cujos ossos foram descobertos em 1974, na Etiópia; recebeu o nome de Lucy com referência a uma música dos Beatles, que tocava sem parar no acampamento dos arqueólogos. E o que aconteceu por volta de 500 mil anos atrás? Começou a aparecer um brumantones, o Homem de Neanderthal, que se cobria de peles, tinha instrumentos de pedra e durou até 30 mil anos atrás. Há cerca de 250 mil anos, enfim, nós! - o homo sapiens sapiens, que falava cada vez melhor, levou o fogo para dentro de casa, produzia ferramentas, enterrava seus mortos e fazia pinturas nas paredes das cavernas onde morava.

E quem possui 60 trilhões de...? Você, eu, possuímos isso tudo. Um gigantesco microcosmo de sessenta trilhões de células! Todas amigas, com um nome e endereço comuns; andando juntas, sem nenhuma ficar na cama en-

quanto as outras vão trabalhar e vice-versa. A cada segundo morrem mil delas, mas o organismo as substitui no ato.

Sete bilhões é o número alcançado em 2011 pelos humanos, num crescimento acelerado e preocupante. O que vamos fazer com este planeta, do qual não somos proprietários, mas apenas passageiros numa viagem que um dia terminará? Quando partiremos? Para onde ir?

E o que é 4 mil...? Olhe para seu prato de comida. Segundo cálculo, que não garanto, mas acho plausível, é o número de pessoas que contribuíram para que você almoce ou jante. Seja plantando, cultivando, pescando, cuidando ou cozinhando, cada refeição é a confluência miraculosa de milhares de colaborações, de que não nos damos conta enquanto mastigamos.

Todos esses dados mostram com grandeza o novelo de relações que compõem nosso ser. Relações cósmicas, gravitacionais, celulares, paleolíticas, históricas, sociais, culinárias e familiares das quais fazemos parte, que herdamos ou inventamos. De nossa capacidade de estabelecer relações resultará uma condição cada vez mais humana, para a qual o cosmos conspirou positivamente.

Para terminar, pergunto: "Qual a sua idade?". Os alunos informam quantos anos de vida biográfica tem cada um. Daí, emendo: "E agora, qual sua idade cósmica?". O que você responde?

*Jorge Claudio Ribeiro* é professor do Departamento de Ciência da Religião

## GAUCHE NA VIDA

# Ex-delegado revela que militares incineraram corpos de militantes

Tales Faria

Ele lançou bombas por todo o país e participou do atentado contra o show do 1º de Maio no Pavilhão do Riocentro, em 1981. Esteve envolvido no assassinato de aproximadamente uma centena de pessoas durante a ditadura militar. Trata-se de um delegado capixaba que herdou os subordinados do delegado paulista Sérgio Paranhos Fleury nas forças de resistência violenta à redemocratização do Brasil.

Apesar disso, o nome de Cláudio Guerra nunca esteve em listas de entidades de defesa dos direitos humanos. Mas com o lançamento do livro *Memórias de uma guerra suja*, que acaba de ser editado, esse ex-delegado do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) entrará para a história como um dos principais terroristas de direita que já existiu no país.

Mais do que esse novo personagem, o depoimento recolhido pelos jornalistas Marcelo Netto e Rogério Medeiros, ao longo dos últimos dois anos, traz revelações bombásticas sobre alguns dos acontecimentos mais marcantes das décadas de 1970 e 1980.

Revelações sobre o próprio caso do Riocentro; o assassinato do jornalista Alexandre von Baumgarten, em 1982; a morte do delegado Fleury; a aproximação entre o crime organizado e setores militares na luta para manter a repressão; e dos nomes de

alguns dos financiadores privados das ações do terrorismo de Estado que se estabeleceu naquele período.

Cláudio Guerra conta ainda como incinerou os corpos de dez presos políticos numa usina de açúcar do norte estado do Rio de Janeiro. Corpos que nunca mais serão encontrados - conforme ele testemunha - de militantes de esquerda que foram torturados barbaramente.

"Em determinado momento da guerra contra os adversários do regime passamos a discutir o que fazer com os corpos dos eliminados na luta clandestina. Estávamos no final de 1973. Precisávamos ter um plano. Embora a imprensa estivesse sob censura, havia resistência interna e no exterior contra os atos clandestinos, a tortura e as mortes."

## OS DEZ PRESOS INCINERADOS

João Batista e Joaquim Pires Cerveira, presos na Argentina pela equipe do delegado Fleury;

- Ana Rosa Kucinski e Wilson Silva, "a mulher apresentava marcas de mordidas pelo corpo, talvez por ter sido violentada sexualmente, e o jovem não tinha as unhas da mão direita";

- David Capistrano ("lhe haviam arrancado a mão direita"), João Massena Mello, José Roman e Luiz Ignácio Maranhão Filho, dirigentes históricos do PCB;

- Fernando Augusto Santa Cruz Oliveira e Eduardo Collier Filho, militantes da Ação Popular

Marxista-Leninista (APML).

O delegado lembrou do ex-vice-governador do Rio de Janeiro Heli Ribeiro, proprietário da usina de açúcar Cambahyba, localizada no município de Campos, a quem ele fornecia armas regularmente para combater os sem-terra da região. Heli Ribeiro, segundo conta, "faria o que fosse preciso para evitar que o comunismo tomasse o poder no Brasil".

Cláudio Guerra revelou a amizade com o dono da usina para seus superiores: o coronel da cavalaria do Exército Freddie Perdigão Pereira, que trabalhava para o Serviço Nacional de Informações (SNI), e o comandante da Marinha Antônio Vieira, que atuava no Centro de Informações da Marinha (Cenimar) e afirma que levou, então, os dois comandantes até a fazenda:

"O local foi aprovado. O forno da usina era enorme. Ideal para transformar em cinzas qualquer vestígio humano."

"A usina passou, em contrapartida, a receber benefícios dos militares pelos bons serviços prestados. Era um período difícil e os usineiros da região estavam pendurados em dívidas. Mas o pessoal da Cambahyba, não. Eles tinham acesso fácil a financiamentos."

Guerra revela ainda que o delegado Sérgio Paranhos Fleury - titular da Delegacia de Investigações Criminais (Deic) de São Paulo e símbolo da linha-dura do

regime militar - foi assassinado por ordem de um grupo de militares e de policiais rebeldes contra o processo de abertura política iniciado pelo ex-presidente Ernesto Geisel.

Ele afirma ter sido um dos principais encarregados pelo regime militar de matar adversários da ditadura entre os anos 1970 e 1980 e autor da ideia de fazer a morte de Fleury parecer um acidente. Acabou sendo enviado para liquidar o colega. Mas, por problemas operacionais, a execução teria ficado para um grupo de militares do Cenimar, o Centro de Informações da Marinha.

Ele conta ter executado pessoalmente militantes de esquerda como Nestor Veras, do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro (PCB), após uma sessão de tortura da qual afirma não ter participado:

"(Veras) tinha sido muito torturado e estava agonizando. Eu lhe dei o tiro de misericórdia, na verdade dois, um no peito e outro na cabeça. Estava preso na Delegacia de Furtos em Belo Horizonte. Após tirá-lo de lá, o levamos para uma mata e demos os tiros. Foi enterrado por nós."

Além do assassinato de Veras, Guerra conta como matou, a mando de seus superiores, outros militantes contra o regime, como: Ronaldo Mouth Queiroz (estudante universitário e membro da Aliança Liber-

continua na próxima página

continuação da  
página anterior

## MOVIMENTOS SOCIAIS

# Seringueiro Osmarino Amâncio fala sobre projetos na Amazônia

tadora Nacional - ALN); Emanuel Bezerra Santos, Manoel Lisboa de Moura e Manoel Aleixo da Silva (os três, do Partido Comunista Revolucionário - PCR).

"O delegado Fleury tinha de morrer. Foi uma decisão unânime de nossa comunidade, em São Paulo, numa votação feita em local público, o restaurante Baby Beef", afirma Cláudio Guerra. (...) "Fleury tinha se tornado um homem rico desviando dinheiro dos empresários que pagavam para sustentar as ações clandestinas do regime militar. Não obedecia mais a ninguém, agindo por conta própria. E exorbitava. (...) Nessa época, o hábito de cheirar cocaína também já fazia parte de sua vida. Cansei de ver".

Guerra conta que chegou a fazer campanha para a execução, mas o colega andava sempre cercado de muita gente. "Dias depois os planos mudaram, porque Fleury comprou uma lancha. Informaram-me que a minha ideia do acidente seria mantida, mas agora envolvendo essa sua nova aquisição - um 'acidente' com o barco facilitaria muito o planejamento."

A história oficial é, de fato, que o delegado paulista morreu acidentalmente em Ilhabela, ao tombar da lancha. Mas Guerra afirma que Fleury na verdade foi dopado e levou uma pedrada na cabeça antes de cair no mar.

Encontre a íntegra do artigo em: [http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id\\_noticia=182189&id\\_secao=1](http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=182189&id_secao=1)

**Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana, de preferência no plano internacional. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.**

Osmarino Amâncio Rodrigues é nascido na floresta e natural do estado do Acre. Contemporâneo de Chico Mendes, ele organizou o movimento dos seringueiros e dos camponeses pela defesa da fauna e flora amazônica em contraposição ao garimpo e à agropecuária, que tem devastado o bioma mais diverso do mundo há anos.

Em viagem a São Paulo para ser jurado do Tribunal Popular da Terra, Osmarino falou ao *PUCviva* sobre a atual conjuntura de sua região, o papel dos movimentos políticos e da juventude nesse período. "Hoje vivemos um processo de mercantilização dos meios naturais através de grandes projetos de expansão e desenvolvimento da região, projetos de mineração, inundação por grandes hidrelétricas, abertura de grandes rodovias, como a BR do Pacífico; tudo em função do mercado da economia verde", analisou o seringueiro.

### CATÁSTROFE ECOLÓGICA

Resaltando a importância da aliança entre campo e cidade, entre os povos da floresta e os movimentos sociais urbanos, a comunidade científica e universidades, Osmarino colocou a responsabilidade de evitar uma catástrofe ecológica, social e ambiental. "Com a Lei de Florestas Públicas, criada pela Marina Silva e sancionada por



MARINA D'AGUIÑO

Osmarino faz pronunciamento durante a realização do Tribunal Popular da Terra

Lula, e com a proposta de Novo Código Florestal, os meios naturais, as águas, as matas estão sendo privatizadas, e entregues às transnacionais, às ONGs: são 50 bilhões de hectares", relatou.

Fazendo um chamado à "juventude do presente e do futuro", Osmarino acredita que é preciso que os jovens saiam um pouco da internet e façam o "trabalho de formiga, pé no chão" com os diversos segmentos da população brasileira. "É necessário se misturar com índios, camponeses, seringueiros e

com os operários; ir para Belo Monte e Santo Antônio Jirau, para as favelas, bairros e para as obras da Copa do Mundo", bradou emocionado o acreano.

Somente assim, segundo ele, será possível combater o capitalismo, a mercantilização de direitos e a concentração de riqueza, e construir uma sociedade libertária, igualitária, companheira. "A gente tem que ser o exemplo de organização e mobilização, unindo a nossa luta com as demais lutas desse povo bonito e trabalhador", finalizou Osmarino Amâncio.

## MOVIMENTOS SOCIAIS

# Dia do Trabalhador reúne militantes em várias regiões de São Paulo

O dia 1º de Maio é comemorado em diversos lugares do mundo com grandes atos que lembram não apenas as ações de operários no último século, mas também que os direitos dos trabalhadores ainda são muito desrespeitados. Aconteceu na última terça-feira um dos mais tradicionais atos pelo Dia Mundial do Trabalhador, na Praça da Sé, no centro da capital paulista. O ato durou cerca de três horas, e, mesmo com o frio, cerca de mil militantes estiveram presentes.

O ato foi marcado por falas dos representantes dos mais diversos partidos, entidades e centrais sindicais, como a Intersindical, o Tribunal Popular, a Unidos para Lutar e o PCB, que lembravam que a luta dos trabalhadores era apenas uma, e não deveria ter partes. Entre as falas, bandas e grupos tocavam músicas de diversos ritmos, em sua maioria com letras que faziam menção ao Dia do Trabalhador.

Outro ponto mencionado foi sobre o alinhamento dos trabalhadores com a juventude: "A juventude trabalhadora cresce a cada dia. É fundamental que os jovens, que hoje são explorados principalmente enquanto são estagiários, tenham consciência de que também fazem parte da classe trabalhadora, e que as empresas procuram aliená-los para evitar possíveis contestações", declarou Marcos Vargas, um dos militantes presentes ao ato. "É uma data importante, mas seu real



Na avenida Paulista a Conlutas realiza a sua manifestação

significado muitas vezes é deixado de lado, principalmente pela mídia", continuou Vargas.

Outros atos aconteceram pela cidade. A CUT, pelo quarto ano seguido, tomou a decisão de não centralizar o ato apenas na Praça da Sé, realizando três atos paralelos, na Zona Sul, no ABC e no Anhangabaú, também na

região central. Já a CSP-Conlutas este ano decidiu que um ato próprio seria ideal para fechar seu primeiro congresso, que aconteceu entre 27 e 30/4 na cidade, e realizou o ato na Avenida Paulista, reunindo cerca de 2 mil pessoas e caminhou até a Igreja da Consolação.

Atos foram realizados também em diversos pa-

íses, como Cuba, onde mais de 1 milhão de pessoas participaram de um desfile em Havana. Já em Santiago, no Chile, mais de cem mil pessoas foram às ruas para o desfile, que acabou com três policiais feridos após um grupo com bandeiras anarquistas arremessar garrafas e pedras contra os presentes.

## Trabalhadores sem-teto reagem com resistência à ação de despejo em Brasília

O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) está organizando a resistência popular na ocupação Novo Pinheirinho, em Ceilândia (DF), frente ao ordenamento de despejo por parte do governador do Distrito Federal Agnelo Queiroz/PT.

Barricadas foram erguidas em torno do acam-

pamento, que já abriga cerca de 900 famílias, muitas das quais organizadas para manter suas casas. O movimento promete resistir caso o governador trate do déficit em moradia como caso de polícia, assim como fez o governador de São Paulo Geraldo Alckmim/PSDB com a ocupação de Pinheirinho

em São José dos Campos. Além disso, o MTST pediu aos parlamentares petistas para que evitem ação truculenta do seu companheiro e governador Agnelo Queiroz, e colocou que está disposto a mobilizar suas ocupações por todo país caso não sejam abertas as negociações.

# ROLA NA RAMPA

## Professor colombiano fala sobre violência no campo

O curso de pós-graduação em História convidou à APROPUC, no dia 2/5, o professor da Co-gear Hector Mondragón para falar acerca da propriedade da terra e do conflito agrário na Colômbia, dando continuidade aos seminários temáticos sobre América Latina.

Hector se embasou em pesquisas realizadas por instituições públicas e universidades colombianas para afirmar que na Colômbia "muitas pessoas têm pouca terra e poucas famílias e empresas têm muita terra". Segundo os números divulgados, o Índice Gini, que mede o nível da concentração de propriedades agrárias e vai de 0 a 1, no país é de 0,88, indicando um alto patamar de acumulação fundiária.

Realidade que, de acordo com o professor, tende a se aguçar com os projetos de Integração Regional Sul-Americana (IRSA), que está desviando o curso de rios e construindo rodovias por entre regiões de matas para interligar toda a América, concentrando mais terras e expulsando os camponeses. "As palmeiras de dendê e a cana de

açúcar, na Colômbia, são fontes riquíssimas para o agrocombustível, que sobrevive do mercado de terras", relatou Hector, ao mencionar a funcionalidade dos projetos para o agronegócio e a exportação na América Latina.

Outro tema do seminário, e totalmente interligado primeira questão, foi os conflitos no campo colombiano. "Há guerrilha na Colômbia desde 1948, quando o principal motivo de sua organização era a defesa de terras e a vingança por parte dos camponeses", afirmou Hector.

Depois da experiência cubana, as guerrilhas se politizaram e começaram a reivindicar a reforma agrária. "Hoje, contudo, a guerrilha perdeu suas concepções políticas e manteve o caráter camponês do plantio da coca", disse. O professor apontou ainda que a mídia cumpre um desserviço ao maquiagem a questão do narcotráfico na Colômbia: "há uma íntima relação entre os banqueiros, a indústria, a mídia e o Estado, tanto que 21% dos membros do Congresso Nacional estão sendo processados por narcotráfico e paramilitarismo. É algo sistêmico".

## Alunos da Unifesp ocupam diretoria acadêmica

Os estudantes do campus Guarulhos da Unifesp estão ocupando pacificamente a diretoria acadêmica desde o último dia 4, após 42 dias em greve, protestando contra problemas infraestruturais decorrentes da crise

institucional e política que o campus enfrenta hoje. Os alunos reivindicam condições básicas, como salas de aula suficientes e laboratórios de pesquisa, e também se mobilizaram contra a criminalização dos estudantes.

## Seminário discute movimento comunista no Brasil

De 13 a 17/8 na Unesp de Marília está sendo organizado pelo Núcleo de Estudos em Ontologia Marxiana o seminário "90 Anos do Movimento Comunista no Brasil", com a presença de intelectuais brasileiros e internacionais, como Marta Harnecker (Venezuela), José Paulo Netto, Lúcio Flávio Rodrigues

de Almeida (PUC-SP) Mauro Iasi (UFRJ) e Antonino Infranca (Barcelona), entre muitos outros. Debates, apresentações e atividades políticas e culturais fazem parte da programação. Para realizar inscrição ou enviar trabalhos, acesse <http://www.inscricoes.fmb.unesp.br/principal.asp>

## Comissão da verdade é tema de publicação

Já está nas bancas a edição especial da revista Caros Amigos que percorre os meandros em torno da Comissão da Verdade, criada pelo Governo Federal ao final de 2011 à revelia da cúpula militar, e da necessidade de reaver a história dos mortos e desaparecidos e estabelecer a verdade sobre torturadores e criminosos de lesa-humanidade, à época do Estado de exceção ditatorial civil-militar (1964-

1985). Os mortos da guerrilha do Araguaia, organizada e dizimada na região amazônica, os rastros da Operação Condor, que instalou regimes ditatoriais na América Latina, as marcas do Esquadrão da Morte, além da impunidade aos torturadores e depoimentos de pessoas que viveram esta realidade, entre outros temas, estão em pauta neste especial tão importante quanto histórica. Imperdível!

## Professora da PUC-SP é premiada em Portugal

A professora do curso de letras da Faculdade de Filisofia, Comicação, Letras e Arte, Faficla, Silvia Simone Anspach, no início deste mês, foi premiada em um concurso literário em Portugal. Com o conto "Em crise", a professora recebeu menção honrosa nos Jogos Florais de Aviz - Portugal 2012. Este é o 5º prêmio literário da escritora, que já havia ganho concursos de Mulheres Emergentes com demais contos, minicontos e poemas desde 2010.

## Palestra sobre o Rio+20 debate biodiversidade

O ciclo de debates sobre o Rio+20 na PUC-SP terá sua próxima palestra no dia 15/5, 19h, no auditório 333 do Prédio Novo do campus Monte Alegre. Coordenado pela professora Matilde Melo, do departamento de Sociologia e Programa de Estudos Pós Graduated em Geografia da PUC-SP, o debate contará com Marjane Lisboa, professora da PUC-SP, Sergio Leitão, militante do Greenpeace, e abordará "o tema cada vez mais quente das Mudanças Climáticas e a valorização da biodiversidade".